REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

CARTAS ATLÂNTICAS: TRAVESSIAS EPISTOLARES ENTRE A BAHIA E BUBAQUE EM DIÁLOGO COM FREIRE E CABRAL

ATLANTIC LETTERS: EPISTOLARY CROSSINGS BETWEEN BAHIA AND BUBAQUE IN DIALOGUE WITH FREIRE AND CABRAL

Ciências Humanas, Linguística & Letras e Artes • 17/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794812675

Ronara Chagas Santos[1]

RESUMO

O artigo analisa as potencialidades pedagógicas da experiência Cartas Atlânticas, realizada em 2015 entre estudantes de escolas públicas de Itacaré, na Bahia, e do Liceu de Bubaque, situado na ilha de Bubaque no arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau, no âmbito da Educação das Relações Étnico-Raciais. Adota abordagem qualitativa, configurada como relato de experiência retrospectivo e crítico-reflexivo, fundamentado na recuperação de um ensaio acadêmico e de registros fotográficos das atividades desenvolvidas. A análise contempla a organização do intercâmbio, a participação dos estudantes brasileiros e guineenses na produção e circulação das correspondências e as atividades de socialização realizadas nas escolas de Itacaré. Em diálogo interpretativo posterior com o pensamento de Paulo Freire e sua leitura de Amílcar Cabral, discute a correspondência epistolar como possibilidade de interlocução entre sujeitos situados em diferentes margens do Atlântico. Os registros evidenciam situações educativas de comunicação recíproca e compartilhamento de experiências, embora não permitam avaliar transformações duradouras nas concepções dos participantes. A experiência oferece contribuições para pensar práticas pedagógicas que ultrapassem abordagens centradas exclusivamente em representações sobre África, ampliando a participação de sujeitos africanos na produção dos conhecimentos escolares.

Palavras-chave: Educação das Relações Étnico-Raciais; intercâmbio epistolar; Guiné-Bissau; diálogo intercultural; África.

ABSTRACT

This article examines the pedagogical potential of Cartas Atlânticas, an educational experience carried out in 2015 between students from public schools in Itacaré, Bahia, Brazil, and the Liceu de

Bubaque, located on Bubaque Island in the Bijagós Archipelago, Guinea-Bissau, within the field of Ethnic-Racial Relations Education. It adopts a qualitative approach, framed as a retrospective and critically reflective experience report based on a recovered academic essay and photographic records of the activities. The analysis addresses the organization of the exchange, the participation of Brazilian and Guinean students in producing and circulating correspondence, and the activities through which the letters were shared in schools in Itacaré. Through a subsequent interpretive dialogue with Paulo Freire's thought and his reading of Amílcar Cabral, the article discusses epistolary correspondence as an opportunity for dialogue between subjects on different shores of the Atlantic. The available records document educational situations involving reciprocal communication and the sharing of experiences, although they do not allow an assessment of lasting changes in participants' perceptions. The experience contributes to reflections on educational practices that move beyond approaches centered exclusively on representations of Africa by expanding the participation of African subjects in the production of school knowledge.
Keywords: Ethnic-racial relations education; epistolary exchange; Guinea-Bissau; intercultural dialogue; Africa.

1. INTRODUÇÃO

Ensinar sobre África e estabelecer interlocução com sujeitos situados no continente africano constituem movimentos pedagógicos distintos. Se, no primeiro, a construção do conhecimento pode permanecer predominantemente mediada por narrativas, imagens e representações selecionadas pela escola, no segundo abre-se a possibilidade de que os próprios interlocutores

participem da produção das narrativas pelas quais passam a ser conhecidos. Essa distinção adquire particular relevância no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), diante do desafio de superar abordagens eurocentradas e representações homogeneizadoras do continente africano ainda presentes nos processos educativos brasileiros. Como argumenta Gomes (2012), a descolonização dos currículos implica não apenas a inserção de novos conteúdos, mas o questionamento das relações de poder que historicamente legitimaram determinados conhecimentos, sujeitos e formas de produzir saber.

É a partir dessa problemática que este trabalho revisita a experiência educativa Cartas Atlânticas, realizada no ano de 2015 entre estudantes de escolas públicas de Itacaré, no Sul da Bahia, e estudantes da ilha de Bubaque, principal centro administrative e turístico do arquipélago dos Bijagós na Guiné-Bissau, possibilitado a partir do segundo intercâmbio cultural estabelecido entre a Associação de Afrodesenvolvimento Casa do Boneco de Itacaré e a Associação NÔ Kultura, sediada na Ilha de Bubaque, utilizando a correspondência epistolar como possibilidade de aproximação entre estes estudantes situados nas duas margens do Atlântico. A revisitação da experiência nos permite problematizar os limites de abordagens escolares que privilegiam discursos produzidos sobre o continente africano e refletir sobre as possibilidades pedagógicas abertas pela interlocução com estudantes situados naquele território.

A aproximação entre educação, cultura e emancipação encontra uma importante referência no diálogo intelectual que Paulo Freire estabelece, postumamente, com Amílcar Cabral, a quem reconhece como um “pedagogo da revolução[2]”. Em Cartas à Guiné-Bissau,

Freire (1978) articula suas reflexões sobre educação aos processos históricos de libertação e reconstrução nacional guineense, reconhecendo a centralidade da cultura e da participação dos sujeitos na produção do conhecimento. Essa perspectiva oferece elementos para uma leitura retrospectiva de Cartas Atlânticas, sem equiparar as experiências ou atribuir à iniciativa de 2015 fundamentos teóricos que não orientaram sua concepção.

Nesse sentido, o artigo tem como objetivo analisar, a partir da reconstrução documental e crítico-reflexiva da experiência, as potencialidades da correspondência epistolar para a Educação das Relações Étnico-Raciais, considerando as relações entre diálogo, reconhecimento dos sujeitos e produção compartilhada do conhecimento. A investigação privilegia o percurso educativo documentado e suas possibilidades de interpretação, contribuindo para o debate sobre práticas pedagógicas que ampliem a interlocução com sujeitos africanos na construção dos conhecimentos escolares.

2. PERCURSO DA EXPERIÊNCIA E ABORDAGEM METODOLÓGICA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza empírica e documental, configurando-se como um relato de experiência retrospectivo e crítico-reflexivo. Seu objeto de análise é a experiência educativa Cartas Atlânticas, realizada em 2015, entre estudantes de escolas públicas de Itacaré, na Bahia, e estudantes do Liceu de Bubaque, situado no arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau. A investigação fundamenta-se na recuperação de um ensaio acadêmico produzido posteriormente à experiência, em 2017, que reúne registros narrativos e fotográficos das atividades desenvolvidas, tomados como fontes documentais para a

reconstrução e interpretação de seu percurso, nos permitindo interrogá-lo, no presente, a partir das questões colocadas pela Educação das Relações Étnico-Raciais e pelos diálogos educacionais Sul-Sul.

A experiência surgiu no contexto das ações desenvolvidas pela Associação de Afrodesenvolvimento Casa do Boneco de Itacaré em parceria com a Associação NÔ Kultura, sediada na Ilha de Bubaque, na Guiné-Bissau. A aproximação entre as instituições teve início em 2012, envolvendo diferentes linguagens artísticas e práticas de formação em dança, música, gastronomia e estética afrocentrada. Nesse percurso, a proposta de incluir escolas públicas de Itacaré nas ações do segundo intercâmbio, no ano de 2015, resultou na criação do que ficou configurado como Cartas Atlânticas, concebidas como possibilidade de interlocução entre estudantes situados nestas duas margens do Atlântico.

Deste lado das margens brasileiras de Itacaré-Bahia, participaram quatro turmas do 5º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Manoel Castro (média de 130 estudantes entre 11 e 14 anos de idade) e duas turmas do ciclo de alfabetização da Escola Maria Benjamina da Cruz (média de 48 estudantes entre 6 e 8 anos de idade). Considerando as diferentes faixas etárias, foram adotadas formas distintas de participação. Os estudantes do 5º ano produziram cartas nas quais apresentavam aspectos de seu cotidiano, suas preferências e os lugares onde viviam, ao mesmo tempo em que formulavam perguntas e curiosidades acerca do continente africano, enquanto que as crianças em processo de alfabetização participaram principalmente por meio de desenhos e ilustrações relacionados às suas experiências cotidianas.

O procedimento analítico consistiu na releitura crítico-reflexiva do ensaio recuperado, considerando conjuntamente seus relatos escritos e registros fotográficos, privilegiando a organização da interpretação em três dimensões articuladas, sendo: as condições institucionais e pedagógicas de realização da experiência; a participação dos estudantes brasileiros e guineenses na interlocução epistolar; e as atividades de retorno e socialização das correspondências nas escolas de Itacaré. Essas dimensões orientam a discussão sobre as possibilidades educativas da comunicação entre sujeitos situados em diferentes contextos históricos e culturais, em diálogo interpretativo com as contribuições de Paulo Freire, especialmente em sua leitura do pensamento de Amílcar Cabral, e com as reflexões de Nilma Lino Gomes sobre a descolonização dos currículos. A mobilização desses referenciais não pretende atribuir à experiência de 2015 fundamentos teóricos que não orientaram sua concepção original, mas ampliar as possibilidades de compreensão de seu significado educativo a partir das questões colocadas no presente.

A indisponibilidade atual das correspondências originais e dos registros audiovisuais constitui uma limitação documental da investigação, e desse modo, o estudo não realiza análise direta do conteúdo das cartas, tampouco pretende mensurar efeitos ou identificar transformações duradouras nas concepções dos participantes. Seu alcance reside, contudo, na reconstrução documentada do percurso educativo e na interpretação das possibilidades pedagógicas evidenciadas pelos registros preservados, sem atribuir aos referenciais teóricos mobilizados uma influência direta sobre a concepção original da iniciativa de 2015.



Educandos do Liceu de Bubaque na leitura e produção das Cartas Atlânticas (Ilha Bijagós 2015).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES: DA CORRESPONDÊNCIA À INTERLOCUÇÃO

3.1. Entre os Desafios Curriculares e a Construção de uma Experiência Educativa

Revisitar a experiência Cartas Atlânticas exige considerar as condições pedagógicas e institucionais relacionadas à sua realização e o histórico de resistência no âmbito da gestão educacional municipal do período, no tocante a implementação da ERER, sendo relatado dificuldades na aplicação de propostas formativas dos educadores e sua ausência no Projeto Politico Pedagógico e por conseguinte, no currículo escolar.

Portanto a proposta não surgiu de uma ideia isolada de produção textual, mas de um contexto marcado por discussões sobre a presença africana no cotidiano escolar e os desafios enfrentados por educadores na implementação de práticas comprometidas com a Educação das Relações Étnico-Raciais.

A experiência acumulada pela Associação de Afrodesenvolvimento Casa do Boneco de Itacaré (CBI) e os vínculos construídos com a Associação NÔ Kultura, em Bubaque, abriram a possibilidade de uma aproximação concreta com sujeitos africanos, e não apenas de uma abordagem escolar sobre África.

Essas questões permitem retomar a discussão de Gomes (2012), para quem a descolonização dos currículos não se limita à inclusão de conteúdos historicamente marginalizados, mas implica interrogar as relações de poder que orientam a seleção e a legitimação dos conhecimentos escolares. Sob essa perspectiva, as dificuldades identificadas naquele contexto não se restringiam à escolha de obras literárias, envolvendo também as condições institucionais para que outras narrativas, experiências e sujeitos participassem dos processos educativos.

A parceria entre a Associação Casa do Boneco de Itacaré e a associação NÔ Kultura, da Ilha de Bubaque, possibilitou a aproximação entre as escolas públicas brasileiras e estudantes guineenses, conferindo à produção escrita uma finalidade concreta de comunicação. O ensaio também registra rodas de conversa e oficinas de jogos e produção literária com educadores de escolas rurais e quilombolas de Itacaré, compondo um movimento de sensibilização e ampliação das possibilidades pedagógicas e uma

ação posterior com a utilização da obra literária do escritor angolano Ondjaki.

A correspondência epistolar passou, assim, a constituir uma possibilidade de deslocamento das práticas escolares habituais. Escrever deixava de representar apenas o cumprimento de uma atividade pedagógica para assumir uma dimensão comunicativa, na qual os estudantes se dirigiam a interlocutores reais, situados em outro território, mas igualmente capazes de compartilhar experiências, formular perguntas e produzir conhecimentos.

3.2. As Cartas Como Possibilidade de Interlocução Entre Sujeitos

A potência pedagógica de Cartas Atlânticas não reside somente na circulação física das correspondências entre dois territórios. O que atravessou o Atlântico foram também perguntas, expectativas e formas de apresentação de si, produzidas por estudantes que, embora separados geograficamente, passaram a participar de uma experiência comum de comunicação.

Nas escolas de Itacaré, a proposta assumiu diferentes configurações conforme as etapas de escolarização. Enquanto os estudantes do 5º ano produziram cartas sobre seus cotidianos, preferências e curiosidades acerca do continente africano, as crianças do ciclo de alfabetização participaram principalmente por meio de desenhos e ilustrações. Essa diversidade de linguagens permitiu que a atividade contemplasse diferentes possibilidades de expressão, sem restringir a participação ao domínio convencional da escrita.

A entrega das correspondências ao Liceu de Bubaque constituiu outro momento significativo da experiência. O ensaio original registra a participação dos estudantes guineenses na leitura e

produção de respostas, acompanhada pelo compartilhamento de contatos, fotografias e manifestações de interesse pela continuidade da comunicação. A documentação fotográfica preservada permite reconhecer a realização das atividades no ambiente escolar, enquanto o relato escrito oferece informações sobre as formas de participação e as expectativas observadas naquele momento.

O movimento de resposta é particularmente relevante para compreender a dimensão de “familiaridade” a partir da prática educativa proposta. Os estudantes de Bubaque não figuraram apenas como destinatários das mensagens brasileiras, mas participaram da interlocução, apresentando aspectos de suas experiências e estabelecendo possibilidades de continuidade do contato. Nesse processo, a comunicação deixou de ocorrer em uma única direção, permitindo que sujeitos situados no continente africano participassem da produção das narrativas pelas quais seriam conhecidos pelos estudantes brasileiros.

É nesse ponto que a experiência encontra aproximação com o pensamento de Paulo Freire. Em Cartas à Guiné-Bissau, Freire (1978) desenvolve reflexões sobre práticas educativas construídas no encontro com a realidade guineense, recusando a simples transferência de conhecimentos como fundamento da ação pedagógica. A obra também permite estabelecer um diálogo com o pensamento de Amílcar Cabral, cuja contribuição à reflexão sobre cultura e libertação nacional é retomada por Freire. Embora a experiência Cartas Atlânticas não tenha sido originalmente concebida a partir desse referencial, sua revisitação permite reconhecer na correspondência uma possibilidade de diálogo, na qual escrever e responder constituem movimentos de reconhecimento dos interlocutores como sujeitos da comunicação.

Essa dimensão dialógica suscita, ainda, uma reflexão sobre o lugar da língua portuguesa na travessia educativa entre Itacaré e Bubaque. Embora Brasil e Guiné-Bissau compartilhem o português como língua oficial, essa condição resulta de processos históricos coloniais que produziram experiências linguísticas distintas. Nesse contexto, a língua portuguesa pode ser compreendida não apenas como herança da colonização, mas também como possibilidade de comunicação entre sujeitos que dela se apropriam a partir de diferentes realidades sociais e culturais. Essa perspectiva não desconsidera a diversidade linguística da Guiné-Bissau, especialmente a presença do crioulo guineense e de outras línguas nacionais, mas permite refletir sobre como uma língua historicamente associada à dominação pode adquirir novos sentidos nas relações estabelecidas entre os próprios sujeitos.

Entretanto, reconhecer essas possibilidades de diálogo não significa afirmar que a troca epistolar tenha produzido relações plenamente horizontais ou superado as desigualdades históricas entre os territórios. O que os registros permitem identificar é a criação de uma situação educativa na qual a comunicação entre estudantes de diferentes contextos culturais abriu espaço para deslocamentos nas formas habituais de conhecer e representar o continente africano.Nessa perspectiva, a passagem do falar sobre África ao falar com sujeitos africanos constitui uma das principais possibilidades interpretativas da experiência Cartas Atlânticas. Trata-se de reconhecer que a construção de conhecimentos sobre o continente não precisa ocorrer exclusivamente por meio de narrativas selecionadas e transmitidas pela escola, podendo incorporar interlocuções com sujeitos concretamente situados em diferentes realidades africanas.

3.3. O Retorno das Correspondências e a Ampliação do Diálogo Educativo

O retorno das cartas às escolas de Itacaré representou uma etapa importante da experiência, na medida em que possibilitou compartilhar as respostas recebidas e ampliar a participação da comunidade escolar. Conforme documentado no ensaio original, a Escola Municipal Manoel Castro organizou um momento coletivo de entrega das correspondências, acompanhado pela exibição de depoimentos audiovisuais e pela apresentação de objetos relacionados às comunidades Bijagós.

Na Escola Maria Benjamina da Cruz, a socialização também incluiu a exibição de registros audiovisuais e a realização de uma oficina de bonecas africanas Abayomi. Essas atividades ampliaram as linguagens mobilizadas na experiência, articulando correspondência, oralidade, imagens e práticas culturais em torno da aproximação entre os dois territórios.



Leitura das cartas de Bubaque na Escola Manoel Castro Apresentação de peças históricas na Escola Maria Benjamina da Cruz (Itacaré-Bahia, setembro 2015)

Os registros preservados permitem compreender que o intercâmbio não se encerrou no envio e recebimento das cartas. Sua circulação produziu situações de encontro no próprio ambiente escolar,

envolvendo estudantes, educadores e representantes das instituições parceiras. A correspondência, inicialmente concebida como atividade de leitura e escrita, passou a integrar um conjunto mais amplo de práticas educativas e culturais.

Outro aspecto relevante aparece nos relatos de educadores do Liceu de Bubaque, registrados no ensaio original. Na ocasião, foram mencionadas dificuldades relacionadas à infraestrutura escolar, à disponibilidade de materiais didáticos e às condições de trabalho docente. O diretor da instituição também manifestou interesse na ampliação do intercâmbio, considerando a possibilidade de estabelecer canais de comunicação entre educadores brasileiros e guineenses.

Esses relatos não permitem estabelecer comparações abrangentes entre os sistemas educacionais dos dois países, tampouco afirmar a permanência das dificuldades identificadas em 2015, entretanto abre espaço para questões que ultrapassam a comunicação entre estudantes, alcançando também o interesse pelo compartilhamento de experiências pedagógicas entre profissionais da educação. Nessa dimensão a leitura de Paulo Freire (1978) sobre o pensamento de Amílcar Cabral contribui para ampliar a interpretação da experiência, retomando a relação entre educação, cultura e processos de libertação e reconstrução nacional na Guiné-Bissau. Freire oferece elementos para pensar a importância do reconhecimento dos sujeitos e de suas experiências na construção de relações educativas.

A aproximação entre Bahia e Bubaque pode, assim, ser interpretada como uma possibilidade de interlocução entre territórios historicamente relacionados pelo Atlântico, sem desconsiderar suas

diferenças sociais, culturais e históricas. Não se trata de equiparar a experiência de 2015 ao contexto da obra de Freire, mas de estabelecer um diálogo interpretativo entre experiências distintas.

Tal perspectiva também exige evitar a compreensão da África como realidade homogênea. Em diálogo com Mbembe (2001), importa reconhecer que os estudantes participantes estavam situados em Bubaque, na Guiné-Bissau, e não representavam a totalidade das experiências africanas. O valor da interlocução reside justamente na possibilidade de conhecer sujeitos concretos, cujas narrativas não podem ser reduzidas a uma identidade continental indiferenciada.

Mais de uma década depois, a revisitação de Cartas Atlânticas permite reconhecer a atualidade das questões suscitadas pela experiência, especialmente no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais. Seu alcance não está na demonstração de transformações permanentes nas concepções dos participantes, para as quais não dispomos de acompanhamento longitudinal, mas na possibilidade documentada de construção de uma prática educativa baseada na comunicação entre estudantes de diferentes contextos.

Sob essa perspectiva, as cartas permanecem como expressão de uma travessia que ultrapassou a distância geográfica entre Bahia e Bubaque. Ao estabelecer possibilidades de interlocução, a experiência contribui para refletir sobre práticas pedagógicas que reconheçam os sujeitos africanos não apenas como referências de conteúdos escolares, mas como participantes da produção de conhecimentos que circulam entre as diferentes margens do Atlântico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisitação de Cartas Atlânticas permite compreender a correspondência epistolar como uma possibilidade pedagógica que ultrapassa o exercício da leitura e da escrita, ao estabelecer situações de comunicação entre estudantes situados em diferentes contextos históricos e culturais. A experiência realizada em 2015, entre Itacaré, na Bahia, e Bubaque, na Guiné-Bissau, evidencia possibilidades de ampliação das abordagens das relações étnico-raciais no ambiente escolar, ao incorporar narrativas produzidas pelos próprios sujeitos envolvidos. No campo da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), essa perspectiva aponta para práticas pedagógicas que não se restrinjam à transmissão de conteúdos sobre a história e as culturas africanas, mas favoreçam a participação dos estudantes na construção de conhecimentos, por meio de experiências de comunicação, reconhecimento das diferenças e aproximação entre realidades culturais distintas.

A participação dos estudantes guineenses na recepção e produção de respostas constitui um dos aspectos centrais dessa interpretação. Ao assumirem a condição de interlocutores, e não apenas de destinatários das correspondências, esses jovens contribuíram para uma experiência educativa na qual a produção de conhecimentos sobre o continente africano pôde incorporar experiências narradas a partir de um território específico. Essa dimensão permite reconhecer o potencial da correspondência para deslocar práticas escolares centradas exclusivamente em representações produzidas sobre África, abrindo possibilidades para uma abordagem educativa que valorize a interlocução com sujeitos africanos, sem pressupor que o intercâmbio tenha superado desigualdades históricas ou transformado permanentemente as concepções dos participantes.

A reflexão sobre a língua portuguesa, incorporada à análise da experiência, amplia essa compreensão ao considerar as possibilidades de comunicação entre estudantes de países que compartilham uma língua oficial, mas apresentam trajetórias históricas e realidades linguísticas distintas. Nesse contexto, o português pode ser compreendido não apenas como herança da colonização, mas também como possibilidade de aproximação e circulação de conhecimentos entre sujeitos que dele se apropriam em diferentes contextos socioculturais. Tal perspectiva não pressupõe uma identidade linguística homogênea entre Brasil e Guiné-Bissau, tampouco desconsidera a presença do crioulo guineense e de outras línguas nacionais. Antes, permite reconhecer que as relações estabelecidas entre esses territórios podem atribuir novos sentidos às possibilidades de comunicação, sem desconsiderar as marcas históricas e as desigualdades que atravessam essa herança colonial.

A análise também evidencia a importância das articulações entre instituições culturais e escolas públicas na construção de práticas educativas que ultrapassam os limites convencionais da sala de aula. Nesse sentido, a experiência contribui para a reflexão sobre possibilidades de aproximação entre educação formal, iniciativas culturais comunitárias e interlocuções educacionais Sul-Sul. Ao mobilizar a correspondência epistolar como estratégia pedagógica, Cartas Atlânticas oferece elementos para pensar a implementação da Lei nº 10.639/2003 para além de abordagens exclusivamente curriculares, reconhecendo a participação dos sujeitos, a valorização das experiências culturais e a construção de vínculos entre diferentes territórios como dimensões relevantes para uma educação comprometida com o enfrentamento de representações estereotipadas sobre o continente africano.

Os limites documentais da investigação, especialmente a indisponibilidade atual das correspondências originais e dos registros audiovisuais, impedem uma análise direta de seus conteúdos, inclusive dos usos linguísticos presentes nas cartas, e a avaliação de possíveis efeitos duradouros. Entretanto, o ensaio acadêmico recuperado e os registros fotográficos nele preservados permitem reconstruir aspectos significativos do percurso educativo e identificar possibilidades de reflexão sobre a reciprocidade, a comunicação e o reconhecimento dos interlocutores.

Retomar essa experiência mais de uma década depois não significa atribuir-lhe retrospectivamente fundamentos teóricos que não orientaram sua realização, mas reconhecer que determinadas práticas educativas podem adquirir novos sentidos quando revisitadas a partir de questões e referenciais posteriormente mobilizados. Sob essa perspectiva, Cartas Atlânticas permanece como registro de uma travessia educativa na qual o Atlântico, mais do que distância entre dois territórios, tornou-se espaço de interlocução e possibilidade de produção compartilhada de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Amílcar Cabral – por Paulo Freire. Geledés, 13 abr. 2009. Disponível em: https://www.geledes.org.br/amilcar-cabral-por-paulo-freire/. Acesso em: 4 nov. 2026.

_____. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p.

98–109, jan./abr. 2012.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. Estudos Afro-Asiáticos, v. 23, n. 1, p. 171–209, 2001. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-546X2001000100007.

SANTOS, Ronara Chagas. Cartas Atlânticas Brasil x Guiné Bissau: uma experiência para além da leitura literária entre educandos e educadores de escolas públicas. Ensaio acadêmico apresentado no curso de Mestrado em Ensino e Relações Étnico Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia. Ano 2017.

---

[1] Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia - UFBA; Mestre em Ensino e Relações Étnico Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB; Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

[2] A expressão “pedagogo da revolução” foi utilizada por Paulo Freire em intervenção realizada em Brasília, em 12 de novembro de 1985, ao refletir sobre o pensamento e a atuação política de Amílcar Cabral. O depoimento foi reproduzido pelo portal Geledés em 13 de abril de 2009 (Freire, 2009).